

O caráter sacramental da revelação na Constituição Dogmática *Dei Verbum* e suas implicações teológicas

The sacramental character of revelation
in the Dogmatic Constitution *Dei Verbum*
and its theological implications

*Donizete José Xavier**

Resumo: O objetivo deste artigo é demonstrar a ideia da sacramentalidade da Revelação presente na Constituição Dogmática *Dei Verbum* e suas implicações teológicas. O pano de fundo dessa reflexão deleneia-se nas próprias palavras do documento conciliar ao afirmar: *sacramentum voluntatis suae*. A Revelação de Deus na carne da história permanece como mistério, ela assume a sua condição de sacramento. A sua visibilidade realiza-se por meio das palavras e gestos que se complementam mutuamente. A Revelação de Deus já está dada definitivamente no acontecimento Jesus Cristo. Ela é historicamente cristocêntrica e escatologicamente teocêntrica. Nesses termos, é, em Cristo, um acontecimento realizado e aberto a sua plenificação. Disso decorre compreender que a Revelação atingirá sua plenitude no mistério do amor pericorético de Deus, na vida íntima da Trindade.

Palavras-chave: Sacramentalidade, Revelação, Mistério, Linguagem, Trindade.

Abstract: The purpose of this article is to demonstrate the idea of sacramentality of Revelation present in the Dogmatic Constitution *Dei*

* Mestre em Teologia da Faculdade de Teologia da PUC/SP. Doutorando em Teologia pela Universidade Gregoriana, Roma.

Verbum and its theological implications. The background to this is the reflection on the words of the conciliar document saying: *sacramentum voluntatis suae*. The Revelation of God in the flesh of the story remains as a mystery, it assumes its condition as sacrament. Their visibility is realized through words and gestures that complement each other. The Revelation of God is already definitely given in the event Jesus Christ. It is historically Christocentric and eschatologically theocentric. In these terms, it is in Christ, an event held and open to its plenification. It follows from this understanding that Revelation will reach its fullness in the mystery of the love of God, the inner life of the Trinity.

Keywords: Sacramentality, Revelation, Mystery, Language, Trinity.

Introdução

1. O inaudito movimento de Deus na carne da história

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* constitui-se como um dos grandes textos do Concílio Vaticano II, cuja perspectiva desdobrada sugere no fértil campo de sua qualificação teológica, que o tema da Revelação apresenta-se como categoria central da Teologia moderna.¹

O documento acentua que Deus ao revelar a sua vida íntima, revela-se primordialmente como um mistério de amor.² Fica claro na Constituição que amor revelado é relação, comunicação de vida e de ser.³ Amor que dá testemunho de si mesmo, numa relação vital e histórica com o homem, que se vê implicado a reconhecer e receber a oferta gratuita do Deus que se revela. A Revelação de Deus vincula-se ao seu mistério, o que permite aperceber-se do inaudito movimento de Deus na história humana: a Revelação de Deus na história não dissolve a condição do seu mistério, ao contrário, ela permite ao fiel entrar e permanecer dentro dele.⁴

¹ Cf. H. Waldenfels, *Manuel de théologie fondamentale*, Cerf, Paris, 2010, 249.

² L.F. Mateo-Seco, *Dios Uno y Trino*, Eunsa, Pamplona, 1998, 638.

³ Cf. O.G. de Cardedal, *Dios*, Sigueme, Salamanca, 2004, 30.

⁴ C. Theobald, *A Révélation*, L'Atelier, Paris, 2005, 246.

Daí a importância de averiguar e valorar o caráter sacramental da revelação como possibilidade para se dizer Deus e sua atuação na história. No bojo da questão da Revelação, realizada na carne da história, encontram-se os acontecimentos e palavras como sinais sacramentais da presença de Deus na história. Palavras e ações, numa cumplicidade mediadora regem a constelação dos acontecimentos próprios da Revelação, delineando a sacramentalidade da Revelação.

1.1 Deus serve-se da palavra humana

Deus serve-se da palavra humana. Nessa perspectiva, podemos dizer que as novas categorias oferecidas pela linguística podem favorecer uma análise pertinente do acontecimento da palavra como meio da Revelação em sua dinâmica histórica. A palavra no seu sentido mais profundo é portadora da função mediadora da linguagem; ela possui uma força criativa e semântica tornando-se a sede da dialética da sacramentalidade da Revelação de Deus.

O eixo axial da sacramentalidade da Revelação é que Deus chega ao homem pelo homem na encarnação de todas as suas formas.⁵ A linguagem é uma delas. Porém, nenhuma das mediações utilizadas por Deus em sua Revelação, esgota o caráter do mistério da sua manifestação. Deus não se esgota no humano, na contingência da história, nas mediações por ele utilizado. No quadro dessa perspectiva, persiste a ideia da afirmação teológica da reserva escatológica da história. História e o homem estão envolvidos ontologicamente pelo movimento de abertura que lhe é próprio, porém, fica-nos claro que é o próprio Deus, Aquele que abre espaço em sua natureza divina, como forma de participação e comunhão, a que sua criação está chamada.⁶

Aqui está a originalidade da Revelação cristã. Nesse sentido, a questão da sacramentalidade da revelação é um tema fecundo que

⁵ F. Mies, "Avant-Propos", in J.-M. Auwers, Y.-M. Blanchard, F. Marty, J.-P. Sonnet, C. Theobald, in *Bible et théologie. L'intelligence de la foi, Lessius*, Bruxelles, 2007, Universidad de Navarra, Pamplona, 1993, 6.

⁶ R. Fisichella, "La teología de la revelación. Situación actual", in J.J. Alviar, V. Balaguer, J.L. González-Alió, J.M. Pons, J.M. Zumaquero, *Dios en la palabra y en la historia. XIII Simposio Internacional de Teología*, Facultad de Teología San Vicente Ferrer, Valencia, 1991, 49.

vale a pena ser examinado, uma vez que através desta categoria pode-se galgar pelo horizonte semântico e estético, que a textualidade da Constituição conciliar oferece.

1.2 O advento de Deus no coração da história

A análise da dimensão sacramental da Revelação deixa-nos claro a ideia do advento de Deus no carne da história e na linguagem humana. Dessa aferição pode-se pensar com maior exatidão e densidade a Revelação de Deus em termos de encontro e comunicação desde a manifestação do amor incriado de Deus que vem ao encontro do homem. É o Deus que vêm, o inaudito que toca a ordinariedade de nossa vida. É Ele que transforma a nossa história em história salvífica. História assumida por Deus definitivamente no acontecimento Jesus de Nazaré, o Cristo da fé.

Nessa perspectiva, cabe compreender que, para o Concílio Vaticano II, no conceito de Revelação encontra-se inserido o acontecimento salvífico de Deus, como autocomunicação aos homens.⁷ Por outro lado, a ideia de Revelação, na Constituição Dogmática *Dei verbum*, apresenta uma total simetria entre os conceitos, Revelação e Mistério, uma vez que ambos são inseparáveis, garantindo assim a ideia do “sacramentum voluntatis suae”,⁸ onde a Revelação permanece como mistério, isto é, como sinal, como sacramento.⁹

2. A Constituição Dogmática *Dei Verbum*: reflexão preliminar

Para poder analisar adequadamente o caráter sacramental da Constituição Dogmática *Dei Verbum* convém primeiramente realizar uma reflexão preliminar deste rico documento que tem suscitado ao longo desses 50 anos, tantas investigações e aprofundamentos, sem esgotar o campo fecundo que compõe sua tessitura. Apropriando-se das palavras de Henri de Lubac, um dos peritos do Concílio Vaticano II, dizer-se-á, investigar uma temática específica na *Dei Verbum*,

⁷ Cf. S. P.-Ninot, *La teología fundamental*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2002, 245.

⁸ Cf. DV2

⁹ R. Fisichella, op. cit., 49.

significa penetrar num dos melhores e mais belos textos redigidos pelo Concílio Vaticano II.¹⁰

2.1 A Constituição

A Constituição tem sua história que se inscreve no longo período de gestação que vai de 1959 à sua promulgação, em novembro de 1965.¹¹ Sua elaboração comporta a redação de quatro esquemas que se desdobram coincidentemente com as quatro sessões do Concílio Vaticano II.¹² O esquema sobre a Revelação, como afirma o jornalista P. Wenger ao escrever a crônica de cada sessão do Concílio, é um dos mais importantes, primeiramente pela sua história,¹³ depois pela nomeação da Comissão mista feito por João XXIII, considerada pelos jornalistas como uma data histórica da primeira sessão.¹⁴

Há que ressaltar que a Constituição Dogmática, recebendo o título *Dei Verbum* traz ao horizonte da reflexão teológica, a ideia de que a Revelação é divina caracterizando assim que Deus é o objeto e a natureza da Revelação. É interessante recordar que até o quarto esquema preparatório, o *incipit* da Constituição se inscrevia como *Sacrosancta Synodus*, o que seria lamentável, como afirma Luis Alonso Schökel, uma vez que se colocaria o homem em primeiro lugar, em uma abordagem que se trata da Revelação de Deus aos homens.¹⁵ Nesse sentido, optar pelo título *Dei Verbum*, os padres conciliares garantiram o primado ontológico da Revelação e sua prioridade epistemológica, uma vez que o homem se vê interpelado pela Revelação de Deus e a responde em uma atitude de escuta, obediência e fé. A Constituição apresenta, também, o seu aspecto humano, como se desenha

¹⁰ Cf. H. de Lubac, *Révélation divine. Affrontements mystiques. Athéisme et sens de l'homme*, Cerf, Paris, 2006, 209; A.M. Artola, "La Dei Verbum. Aportaciones y repercusiones", in *Actas del IV Simposio de Teología Histórica*, La Palabra de Dios y la hermenéutica, op. cit., 15; J. Doré, *La grace de croice I. La revelation*, L'Atelier, Paris, 2003, 36.

¹¹ Cf. O.R. Arenas, op. cit., 36.

¹² Cf. G. Ruiz, "Historia de la Constitucion Dei Verbum", in L.A. Schökel (dir.), *Comentarios a la constitución Dei Verbum sobre la divina revelación*, BAC, Madrid, 2012, 4.

¹³ Cf. A. Wenger, *Vatican II. Chronique de la troisième session*, Centurion, Paris, 1965, 140.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 33.

¹⁵ Cf. L.A. Schökel, op. cit., 127.

organicamente a estrutura dos três capítulos que constituem a tessitura do documento.

2.2 A questão metodológica

A constituição Dogmática *Dei Verbum*, se inscreve¹⁶ e escreve as principais preocupações que nortearam o Concílio Vaticano II tais como o interesse pelo dado bíblico, pelo ecumênico, pela questão litúrgica e finalmente, pelo diálogo com o mundo contemporâneo.¹⁷ Com essas aferições, o Concílio Vaticano II traça linhas inovadoras para a Igreja, constituindo-se assim, um campo fecundo de reflexão.¹⁸

O problema clássico da Revelação cristã em perspectiva da comunicação humana, logo se aferindo ao horizonte da linguagem, uma vez que o diálogo é o meio por excelência que Deus se autocomunica ao homem, manifestando o mistério do seu amor. Neste sentido, compreende-se que o diálogo que Deus estabelece com o homem, exige que se coloque em termos analógicos a questão da comunicação interpessoal, permitindo assim, maior inteligibilidade a realidade da interlocução.¹⁹

A Constituição Dogmática *Dei Verbum* ao intentar a questão dialógica como um dos modelos de Revelação, traz ao horizonte da reflexão teológica a relevância do fenômeno do encontro interpessoal, “frente a alguém que aparece como outro e que exige escuta e resposta”.²⁰ É o fato de aparecer como Outro que garante a Revelação seu caráter divino, em outras palavras, pode-se dizer que a Revelação é divina porque Deus é sua origem e seu objeto, é ele quem se dá a conhecer em seu mistério de amor.²¹

¹⁶ Cf. H. Bouillard, “Le concept de Révélation de Vatican I a Vatican II”, in J. Audinet, H. Bouillard, L. Derousseaux, C. Geffré, I. de la Potterie, *Revelation de Dieu et langage des hommes*, Cerf, Paris, 1972, 36-41; DS 1785-1786, DS 3004-3005; DS 3006-3007

¹⁷ A.M. Artola, op. cit., 16.

¹⁸ Cf. J.B. Libanio. “Os 50 anos do Concílio Vaticano II: Avanços e entraves”, in *Vida Pastoral, 50 anos do Concílio Vaticano II*, Paulinas, 2012, 12.

¹⁹ Cf. A. Novo, *Jesucristo, plenitude de la Revelación*, Desclée De Brouwer, Bilbao, 2003, 27.

²⁰ *Ibidem*, 27.

²¹ L. A. Schökel, op. cit., 125.

3. O mistério revelado

“O Deus invisível (cf. Col 1,15; 1 Tm 1,17) no seu grande amor fala aos homens como amigo (cf Ex 33,11; Jo 15, 14-15)”,²² afirma a *Dei Verbum*.²³ Com esta aferição se coloca uma questão particular, o diálogo entre Deus e o homem assume as condições de uma relação de amizade, que se realiza desde o horizonte agápico de Deus, que em sua infinita bondade, decide sair ao encontro do homem.²⁴ Neste sentido, o diálogo entre o Deus invisível e os homens, supõe necessariamente que se coloque em termos epistemológicos, o primado ontológico da Revelação, demonstrar positivamente que Deus sai ao encontro do homem, dialogando com ele em um nível de relação que não pode lhe ser estranho, pois ao mesmo tempo, nessa relação, Deus revela ao homem a sua Transcendência e sua Liberdade.²⁵ Deus tem querido manifestar o mistério da sua vontade em razão de sua sabedoria e bondade, razão pela qual o homem pode descobrir o desígnio de Amor de Deus por ele.²⁶

Se a *Dei Verbum* afirma: “Na sua bondade e sabedoria quis Deus revelar-se a si mesmo e dar-nos a conhecer o mistério de sua vontade (cf. Ef 1,9)”²⁷ “Inscreve-se aqui o horizonte agápico da Revelação.”²⁸ O fato da *Dei Verbum* elucidar que a Revelação é um ato do desígnio amoroso de Deus, significa que a natureza e o objeto da Revelação são abordados pelo Concílio dentro da perspectiva da categoria de mistério já presente no Concílio Vaticano I, porém, o Concílio Vaticano II usa uma nova expressão. Do querer revelar-se desde sua sabedoria e vontade da *Dei Filius* de 1870 se chega ao querer revelar-se e dar-se

²² DV2

²³ Cf. H. de Lubac, op. cit., 209.

²⁴ Cf. G. Lorizio, “La dimension trinitaria de la Revelación”, in G. Tejerina Arias, G. Lorizio, J. Duque, C. Izquierdo, M. Gelabert, *Teología y apologia del Dios cristiano. El misterio de la SS. Trinidad en la teología fundamental*, Secretariado Trinitario, Madrid, 2008, 42.

²⁵ Cf. H. de Lubac op. cit., 64.

²⁶ Cf. H. de Lubac, ibidem 64.

²⁷ DV2.

²⁸ Cf. G. Lorizio, “La dimension trinitaria de la Revelación”, in G. Tejerina Arias, G. Lorizio, J. Duque, C. Izquierdo, M. Gelabert, *Teología y apologia del Dios cristiano. El misterio de la SS. Trinidad en la teología fundamental*, 41.

a conhecer no mistério de sua vontade da *Dei Verbum*.²⁹ O Concílio recorre a categoria mistério oriunda dos escritos paulinos, sem excluir a estância da sabedoria da *Dei Filius*, configurado-a a um horizonte sapiencial. Poder-se-ia dizer que de um modelo sapiencial da *Dei Filius* se chega a um modelo agápico da *Dei Verbum*.³⁰

É neste horizonte desenhado pelo texto que a *Dei Verbum* assume uma linguagem narrativa, que a partir do seu fundamento bíblico traz ao horizonte da reflexão teológica a Revelação de Deus como acontecimento interpessoal de comunicação e diálogo.³¹

4. Do objeto da Revelação à compreensão do caráter sacramental

Para definir o objeto da Revelação o Concílio recorre abundantemente às categorias bíblicas, especialmente as do contexto paulino. Em vez de falar como o Concílio Vaticano I, de decretos da vontade divina utiliza o termo paulino de mistério *sacramentum*. Deus se revela a si mesmo e dá a conhecer o mistério de sua vontade (Ef 1,8; DV 2). Nesse número o Concílio segue dizendo: Pela revelação divina, Deus tem querido manifestar e comunicar-se a si mesmo. A Revelação é por sua vez automanifestação e autodoação de Deus em pessoa. Ao revelar-se, Deus se doa. A intenção do Concílio é personalizar a ideia da Revelação, isso porque, Deus antes de dar a conhecer algo, a saber seu designio de salvação, é Deus mesmo quem se manifesta. O designio de Deus, no sentido paulino de mistério, é que os homens, por Cristo, Verbo feito carne, ascendem ao Pai no Espírito Santo e se tornem participantes da vida divina (DV2). O designio divino, expresso em termos de relação interpessoal, inclui os três principais mistérios do cristianismo: a *Trindade*, a *encarnação* e a *graça*. A Revelação é essencialmente Revelação das Pessoas divinas: a Revelação da vida das três pessoas divinas, a Revelação do mistério da pessoa de Cristo, a revelação de nossa vida de filhos adotivos inseridos no seio do Pai. A

²⁹ DS 3004.

³⁰ Cf. G. Lorizio, op. cit., 41.

³¹ H. Waldenfels, op. cit., 271.

Revelação aparece assim em sua dimensão trinitária. Esta descrição do objeto da Revelação em seu tríplice caráter: personalista, trinitário cristológico, confere ao texto uma riqueza, uma ressonância que contrastam com a formulação do Vaticano I, que conseguiu falar da Revelação sem mencionar explicita e diretamente a Cristo, senão somente por meio de uma referência a epístola aos Hebreus.

Considerando que a Constituição Dogmática *Dei Verbum* se ocupa propriamente do tema da Revelação, os manuais de Teologia Fundamental comparam o conceito de Revelação subentendido no Vaticano I e o conceito que se exprime no Concílio Vaticano II de 1965 com a promulgação da Constituição *Dei Verbum* de 18 de novembro de 1965.

4.1 A Revelação de uma ação pessoal

Nesse sentido, o que se revela não é um texto, mas uma pessoa que enquanto acontecimento, admiravelmente os textos refletem. Daí a pertinência de compreender a Teologia cristã desde sua origem, ou dinâmica própria que se inscreve no quadro do horizonte da pregação originária, do testemunho das comunidades primitivas e na interpretação do acontecimento Cristo. Logo, falar de Teologia pressupõe considerar o que é acontecimento narrado e fixado nos textos a sua originalidade.

Para confrontar esta perspectiva ricoeuriana, seria ao menos nesse momento, interessante destacar que para o cristianismo os textos que dizem a fé; testemunham o agir de Deus dentro da história humana. Por outro lado, estes mesmos textos revelam um Deus na e em linguagem humana, ou seja, “na encarnação sobre todas as suas formas”.³² Estabece-se então, uma relação epistemológica significativa entre Teologia e os textos sagrados, a ponto do Concílio Vaticano II reassumir o célebre anacoluto de Leão XIII: “A Sagrada Escritura é a alma da teologia”.³³ Nesses termos, compreende-se que os textos que compõem a Sagrada Escritura continuam a recolocar a questão nevrálgica para o estudo da Teologia Fundamental. Segundo o teólogo

³² F. Mieis, “Avant-propos”, In: *Bible et théologie. L'intelligence de la foi*, Lessius, Bruxeles, 2007, 6.

³³ DV 24.

Cristoph Thebald, persiste a necessidade de se pensar o estatuto dos textos sagrados “na cultura moderna e contemporânea, na Igreja e na teologia”.³⁴

5. O mistério revelado

Falar da questão do mistério revelado é ter consciência que o tema da revelação de Deus, exige, *a priori*, objetivar que falar de Revelação é falar do mistério absoluto de Deus que sai de si ao encontro do seu outro.³⁵ Consequentemente, compreende-se que a Revelação de Deus se inscreve no quadro do seu desígnio amoroso, onde Liberdade e Gratuidade tecem sua iniciativa em endereçar-se ao homem, tal é a condição do seu mistério, como a tem tematizado a Constituição Dogmática *Dei Verbum* em sua literatura teológica. No tocante a isso, a Revelação gratuita de Deus toca o coração da história e afeta seus destinatários, realiza-se sob as mediações humanas, passando pela semântica das Escrituras e da sua textualidade, pelo sentido e referencialidade das palavras e dos gestos que registram a intencionalidade primeira de Deus: de por-se em diálogo existencial com o homem.

5.1 A Teologia do mistério

É da ideia da Revelação como diálogo que surge a pertinência de perguntar-se pela possibilidade de uma teologia do mistério. A reflexão sobre o mistério de Deus é o que nos permite ter o acesso à ideia da sacramentalidade da sua Revelação realizada na carne da história. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* ocupa-se, categoricamente, dessa proposição ao inferir sobre a questão da economia da Revelação. A Revelação tem a sua gênese na ação gratuita de Deus que entra na aventura da história humana reunificando-o e lançando-a para além dela mesma. A história está marcada pela sua reserva escatológica: ser consumada definitivamente em Jesus Ressuscitado. Daí a importância da afirmação da dimensão cristocêntrica da Revelação e seu

³⁴ Cf. C. Thebald, op. cit., 57-79.

³⁵ Cf. O.G. Cardedal, op. cit., 312.

aspecto de abertura a um teocentrismo, enquanto categoria última e definitiva da própria Revelação.

O tema do mistério de Deus afere hoje, efetivamente, uma das questões do universo reflexivo da Teologia Fundamental. Assina com justiça René Latourelle: “a realidade de Deus entendida como mistério adquire uma grande importância para a Teologia fundamental, que considera como tarefa básica aclarar o problema sobre Deus ao homem moderno”.³⁶ Com este escopo, se compreende que o objeto da Teologia Fundamental será indiscutivelmente o mistério revelado de Deus e nesse sentido, a ação pessoal de Deus que em sua livre autorrevelação e autocomunicação entra na história *inabitando-a*, estabelecendo nela, uma relação dialógica indestrutível onde o homem se vê chamado a responder a Deus livremente.

Referir-se ao mistério de Deus em sua Revelação, no horizonte da Teologia Fundamental, impõe que se reconheça de imediato a relação entre Revelação e credibilidade, uma vez que, ambas as proposições formam parte essencial do objeto da Teologia fundamental.³⁷ Disso decorre um novo corolário argumentativo onde as questões do mistério revelado e da credibilidade da Revelação liguem-se simetricamente a questão central do hoje da Teologia. Essa é sabedora que o seu grande desafio é de referir-se e ocupar-se de uma linguagem que fala humanamente sobre Deus e concomitantemente uma linguagem eficaz sobre o homem que busca a Deus como verdade plena e sentido fecundo de sua existência.

5.2 A assimetria do jogo de linguagem entre Deus e o homem

A assimetria “do jogo de linguagens é o ponto de partida pelo qual se atinge a outra margem”.³⁸ O que significa dizer que, do ponto de vista de Deus permanece o caráter gratuito do seu querer benevolente em dar-se a conhecer por meio de uma comunicação sempre inventiva. Do ponto de vista do homem, permanece sua livre condição de sujeito

³⁶ R. Latourelle, “Teología Fundamental”, in R. Latourelle, R. Fisichella, S. Pié-Ninot, *Diccionario de Teología Fundamental*, San Pablo, Salamanca, 2010, 986.

³⁷ C.I. Urbina, *Teología Fundamental*, Eunsa, Pamplona, 2002, 47.

³⁸ C.M. Álvarez, *Deus absconditus. Désir, mémoire et imagination eschatologique. Essai de théologie fondamentale postmoderne*, Cerf, Paris, 2010, 184.

receptor, uma vez que pode acolher ou não, o que Deus lhe fala por meio da linguagem humana. No primeiro caso, poder-se-ia dizer que, “é necessário que Deus encontre um caminho para chegar até os seres humanos”.³⁹ No segundo caso, pelo fato da linguagem tornar-se *gratia locutionis*,⁴⁰ o ser humano pode encontrar a Deus e interagir com ele, uma vez que está chamado ontologicamente a esta comunicação. Persiste neste jogo de linguagens, sem nenhuma arbitrariedade da parte de Deus em relação ao homem, a tenacidade da individualidade humana de encontrar ou ignorar, de responder ou resistir a Deus, na perigosa precariedade do campo histórico onde está inserido. Sendo assim, o que garante a condição assimétrica deste jogo de linguagens é o caráter gratuito da autocomunicação de Deus, que livremente escolhe correr o risco da interlocução no coração da história humana.

5.3 A revelação como mistério e a autoevidência do amor de Deus

Como se averiguou até o momento, a ideia da Revelação na Teologia cristã está associada inseparavelmente a ideia do seu mistério. A Teologia, inteligência e linguagem da fé, inscrevem-se no paradoxo que se abre entre a obediência à Revelação agápica de Deus e a radical experiência que o homem faz de Deus enquanto mistério. A partir dessa aferição, é relevante recordar que o conceito mistério não está insento de dificuldades.⁴¹ Nesse sentido, falar de mistério de Deus não significa investigar o que é desconhecido e enigmático, mas ao contrário, é trazer a reflexão teológica, a inaudita iniciativa de Deus em endereçar-se ao homem e penetrar no mais profundo da sua existência.

Falar do mistério revelado significa, conseqüentemente, aferir que o fato de Deus sair ao encontro do homem na carne da história, pressupõe-se dizer que a existência humana, com suas situações-limite, apresenta-se como o lugar por excelência do encontro com Deus e de sua Revelação. A existência humana é, *de per se*, o lugar

³⁹ O.G. Cardedal, *El quehacer de la teología*, Seguime, Salamanca, 2008, 425.

⁴⁰ J. Mouroux, “Caracter personal de la fe”, in L.A. Schökel, *Comentarios a la constitución Dei Verbum sobre la divina revelación*, BAC, Madrid, 2012, 198.

⁴¹ Cf. J.F. Haught, *Mistério e Promessa. Teologia da Revelação*, Paulus, São Paulo, 1998, 55-80.

onde Deus se revela e o homem acolhe em sua liberdade o Mistério de Deus que lhe afeta.⁴²

O fato de Deus se dá a conhecer, a sua automanifestação descerra a autoevidência de seu amor que se manifesta no coração da história.⁴³ Dai a necessidade de se aclarar que à automanifestação de Deus se configura a expressividade de seu mistério de amor, neste sentido, poder-se-ia dizer que, a experiência do mistério revelado, feita pelo homem, não significa que este adquire um conhecimento meramente racional de Deus, mas ao contrário, é o deixar afetar-se pela gratuidade de Deus que implica uma relação vital de amor e vida que de Sua Automanifestação emana.

O manifestar-se de Deus ao homem se orienta sobre o modelo de comunicação, o que exige objetivar o caráter pessoal da Revelação divina, afirmar, veementemente, que Deus, ao revelar-se, não revela alguma coisa de si, mas a si mesmo. Deus ao revelar-se, manifesta, definitivamente, o seu mistério salvífico de amor. Nesse sentido, essa comunicação de amor e no amor “é o único mistério da Revelação, o mistério fundamental, que se manifesta e especifica-se nos muitos mistérios da fé”.⁴⁴ Dessa feita, valorar positivamente que a Revelação de Deus como mistério é a expressividade de sua vontade de sua liberdade contemplada na carne da história.

5.4 A não esgotabilidade do mistério

O fato de Deus revelar-se tal como Ele é, não significa que a Revelação desvela a totalidade do seu mistério, o que quer dizer que sua presença e sua manifestação no mundo, transborda e sobressai a própria condição finita do homem, isto se dá, não por ambiguidade do ato revelante de Deus, senão, “precisamente por sua unicidade e singularidade que remete a plenitude e a totalidade”⁴⁵ do seu mistério revelado.

⁴² Cf. J. Doré, op. cit., 6-9; O.G. de Cardedal, op. cit., 312.

⁴³ Cf. W. Kasper, *Le Dieu des Chrétiens*, Cerf, Paris, 1985, 189.

⁴⁴ *Ibidem*, 195.

⁴⁵ A. Cordovilla, *El ejercicio de la teología*, Sigueme, Salamanca, 2007, 54.

Paralelamente ao momento em que Deus se dá a conhecer, o homem também, compreende-se como mistério, o que significa dizer que a Revelação de Deus que se orienta sobre o modelo de comunicação é “por consequência a determinação do mistério indeterminado-aberto do homem, de seu mundo e de sua história”.⁴⁶ O que exige compreender que não há Revelação de Deus, fora da mediação histórica, de sua manifestação amorosa que se desenha como movimento de abertura de Deus aos homens, e ao mesmo tempo, permitindo aos homens, a possibilidade de tocar a realidade última do mistério que lhe afeta. Deus, ultimato do homem, sua consumação e plenitude, convida ao homem a estar diante dele, na eterna contemplação do face a face. O homem está chamado a inserir-se na indestrutível participação da vida divina, na confluência, do mistério de Deus, com o seu mistério.⁴⁷

No que concerne à temática do mistério revelado, a reflexão teológica considera a dinâmica paradoxal e antinômica da revelação de Deus que na dialético entre Revelação e ocultamento, uma vez que, toda a forma de Revelação histórica de Deus aponta para o Seu mistério. Teologicamente se tem colocado sob a epígrafe do conceito de mistério de Deus, uma profunda reflexão, não com a intenção de solucionar um problema não resolvido no universo da Teologia ou qualquer coisa do gênero, mas aperceber-se que para o homem o mistério de Deus deve permanecer mistério. Quanto mais o homem descobre que o mistério de Deus o transcende, tanto mais entra, “com todos os seus sentidos e todas as suas faculdades, com seu amor e sua compreensão, no mistério de sua própria existência”.⁴⁸

A relação entre Revelação e mistério é um tema fecundo para a Teologia, inclusive para a sua área que se ocupa da ideia da Revelação de Deus no coração da história, como tema central e regente da constelação de todos os mistérios que afetam a tessitura da existência humana.⁴⁹

⁴⁶ W. Kasper, op. cit., 183.

⁴⁷ Ibidem, 189.

⁴⁸ C. Theobald, op. cit., 246.

⁴⁹ Cf. R. Latourelle, op. cit., 1437-1448.

5.5 A tessitura da existência humana

Fica-nos claro que, o Mistério Deus se nos dá a conhecer na expressividade de seu Amor e de sua liberdade, cuja inventividade se apresenta como condição testemunhal do próprio Deus. O Deus que se revela dá testemunho de si mesmo, tal é a credibilidade de sua Revelação.⁵⁰ Nesse sentido, a automanifestação de Deus realiza-se no quadro de uma significativa proposição, a de não fazer-se conhecer diretamente. Em sua Revelação, Deus estabelece com o homem uma relação de sujeito a sujeito, para que o homem possa entrar em uma relação de vital e de amizade com Ele e aperceber-se de Sua presença. Deus ao se revelar dá-se a conhecer permanentemente, o que supõe o caráter dinâmico de sua Revelação e sua significatividade.⁵¹

Nesse conjunto de significações, poder-se-ia dizer que uma marca indelével para a Teologia Fundamental, enquanto se evidencia a questão da fé que busca uma inteligência, está no fato de recuperar o sentido semântico do mistério de Deus realizado na carne da história e reafirmá-lo como comunicação amorosa de Deus com os homens.⁵² Em efeito, quando se atribui a categoria amor ao mistério de Deus, permite-se assim, que a Teologia assuma o caráter pessoal e de proximidade da Revelação de Deus realizada na história humana.⁵³ Nesse sentido, desde a perspectiva da expressividade do mistério de Deus, o homem experimenta um amor autodoante e concomitantemente revelante de Deus.

5.6 A manifestação cristocêntrica da Revelação

A categoria de Revelação exige que se coloque em termos epistemológico que, o específico do mistério de Deus acontece definitivamente no acontecimento Jesus Cristo, expressão do amor maximizado de Deus pelos homens. Destarte, poder-se-ia dizer que o mistério de Deus se expressa cristologicamente, uma vez que Jesus Cristo, como afirma

⁵⁰ Cf. J. Doré, op. cit., 8.

⁵¹ Cf. A. Cordivilla, op. cit., 42. Cf. R. Latourelle, op. cit., 1445.

⁵² Cf. R. Latourelle, op. cit., 1445.

⁵³ Cf. K. Rahner, "Theos en el Nuevo testamento", in *Escritos de teología*, 134-Taurus, Madrid, 1961, 166. Cf. E. Jünger, *Dieu mystère du monde. Fonement de la theologie du Crucifié dans le debat entre théisme et athéisme*, Cerf, Paris, 1983, 121-276.

Walter Kasper, “é a autocomunicação de Deus em pessoa, o mistério de Deus manifestado”.⁵⁴ A autocomunicação de Deus na pessoa de Jesus exige precisar, que a vida de Cristo é por excelência o lugar do mistério de Deus. “Jesus Cristo não é somente um mistério, ele é o mistério”,⁵⁵ diz Henri de Lubac. As aferições desses dois teólogos aqui apresentadas, permitem uma compreensão cristocêntrica da expressividade do mistério de Deus registrada na carne da história. Dizer que Jesus Cristo é o mistério de Deus, implica assumir que toda a sua vida, os seus atos e suas palavras, tudo aquilo que viveu humanamente no coração da história, os viveu também com a liberdade e como uma Pessoa divina.⁵⁶

6. O Deus que se revela é o Deus *absconditus* e o percurso teológico

O tema do mistério de Deus tem suscitado pertinentes reflexões nos últimos decênios, desenhando um rico percurso teológico, cujo conceito de Revelação tem regido uma constelação de significações semânticas onde a teologia se deleita.⁵⁷ Na teologia católica Karl Rahner tem sido um dos principais expoentes que tem aprofundado a Teologia

⁵⁴ W. Kasper, op. cit., 195.

⁵⁵ H. de Lubac, *Paradoxe et Mystère de L'Église*, 33.

⁵⁶ *Ibidem*, 33.

⁵⁷ Vários teólogos ocuparam-se do tema sobre o mistério de Deus e sua relação com a Revelação. Entre eles a título de ilustração, encontram-se: Cf. K. Rahner, “Theos en el Nuevo testamento”, in *Escritos de teología*, J. Auer, J. Ratzinger, Il mistero di Dio, 1978; O.G. Caderdal, *Dios*, 2004; W. Kasper, *Le Dieu des Chrétiens*, 1985; E. Jüngel, *Dieu mystère du monde. Fondement de la théologie du Crucifié dans le débat entre théisme et athéisme*, 1983; G. Sgubbi, L'intelligenza del mistero dialogo com Eberhard Jüngel, 2000; H. Lubac, *Paradoxe et Mystère de L'Église*, 1967; R. Latourelle, “Teología Fundamental”, in R. Latourelle, R. Fisichella, S. Pié-Ninot, *Diccionario de Teología Fundamental*, 2000; J. Moingt, *Dios que viene al hombre. I. Del duelo al desvelamento de Dios*, 2007; J.F. Haught, *Mistério e Promessa. Teologia da Revelação*, 1998; A. Cordivilla, *El ejercicio de la teología*, 2007; J. Doré, *La grâce de croire. La Révélation*; G. Greshake, *El Dios Uno e Trino. Una teología de la Trinidad*, 2001; C. Theobald, *La Révélation*, 2006; Cf. B. Forte, *À escuta do Outro. Filosofia e revelação*, 2003; B. Forte, *Teologia della storia. Saggio sulla rivelazione, l'inizio e il compimento*, 1999; Queiruga, *Repensar la revelación. La revelación divina en la realización humana*, 2008.

do mistério.⁵⁸ É nesse horizonte desenhado pela questão do mistério de Deus que reflexão sobre o *Deus revelatus* e o *Deus absconditus* é o acesso por excelência à questão teológica do mistério de Deus que se revela. Muitos teólogos na atualidade tem se ocupado efetivamente da investigação da pertinente questão dialética entre a Revelação e o ocultamento de Deus na aventura humana.

Falar do ocultamento de Deus, não significa opor-se a Sua Revelação, ao contrário, tal aferição traz ao horizonte da Teologia da Revelação a cifra da gratuidade do amor de Deus que os textos que dizem a fé descortinam. A Teologia acolhe a discricão dos textos bíblicos sobre o fato de Deus revelar-se se escondendo e esconder-se se revelando. Os textos bíblicos narram a ação de Deus na história, nesse sentido, a dialética entre a Revelação e o mistério de Deus descortinada pelos textos bíblicos conferem maior inteligibilidade a expressividade do mistério revelado de Deus no carne da história.⁵⁹

A Teologia fundamentando-se nos textos que dizem o caráter de ocultamento de Deus, não o faz para acentuar que o Deus revelado se faz presente sob a condição de finitude do homem e sua alienação do mundo, mas, evidenciar que seu ocultamento é parte integrante da constituição do seu mistério que se revela.⁶⁰ A dialética entre Revelação e mistério que se desenha na confluência do revelar-se e esconder-se do Deus bíblico, acentua a grande proposição: “o *Deus absconditus* não se opõe ao *Deus revelatus*”. O *Deus revelatus* é o *Deus absconditus*, o que significa reconhecer que “Deus é o tesouro que, gratuitamente, anuncia sua presença sempre escondida”.⁶¹ Essa condição paradoxal e de antinomia, é o que permite dizer que Deus ao manifestar-se não deixar de permanecer radicalmente escondido. A novidade do advento de Deus, registra-se pela semântica da fé revelada em toda a sua riqueza na dialética do *Deus absconditus in*

⁵⁸ Cf. K. Rahner, *Sobre el concepto de misterio en la teologia catolica* 53-100. Cf. K. Rahner, *Uditori dela parola*, 101-115; S. Piè-Ninot, *Tratado de Teologia Fundamental*, 74-79; W. Kasper, *Le Dieu des Chrétiens*, 194-198.

⁵⁹ Cf. W. Kasper, op. cit., 190-192.

⁶⁰ Cf. E. Jünger, *Dieu mystère du monde. Fondement de la théologie du Crucifié dans le débat entre theisme et athéisme*, 145.

⁶¹ J.M.R. Belloso, *Introducción a la teología*, BAC, Madrid, 1996, 6.

revelatione et revelatus in absconditate, como a tem assinalado Bruno Forte.⁶² Assumir essa dialeticidade do mistério de Deus obriga-nos a mergulhar no acontecimento histórico, Jesus de Nazaré, enquanto visibilidade de humanização de Deus.

6.1 O ganho teórico da aferição cristocêntrica da Revelação

O ganho teórico desta aferição cristocêntrica da revelação desenha pelo fato de atribuir a pessoa de Jesus a condição da presença do divino no humano, a Revelação do transcendente na imanente de uma história assumida e que em última instância é mediação salvífica de Deus.⁶³

Perseguindo a arguição teológica sobre o tema do mistério de Deus, outra ilustração interessante a fazer referência é o caráter pedagógico da Revelação de Deus para a compreensibilidade do Seu mistério. Como tem assinalado com justiça John Haight ao atribuir à dinâmica da Revelação de Deus, sua condição de ocultamento, cuja incidência diz ao homem, esclarecendo-lhe o mistério de Deus, o que realmente Ele é.⁶⁴ “O Deus absoluto abre graciosamente para nós uma dimensão ilimitada de profundidade onde podemos viver, mover-nos e ter o nosso ser”.⁶⁵

O mistério do Deus criador é o mistério do Deus salvador, que em sua condescendência na história, abre espaço em si para que o homem participe de sua comunhão pericorética. Este movimento próprio de Deus, sua condescendência é a Revelação do seu mistério, cuja expressividade se maximiza na pessoa de Jesus, imagem kenótica de Deus. “A imagem reveladora de Deus autolimitante, autodoante, auto-esvaziante favorece a coerência cada vez mais ampla de nossa compreensão da realidade e do mistério”.⁶⁶

A história da Revelação de Deus em nossa história se desenha desde a eloquência de Sua gratuidade em consonância com a capacidade inerente do homem em captar sua presença e abrir-se a uma

⁶² Cf. B. Forte, *À escuta do Outro. Filosofia e revelação*, Paulinas, São Paulo, 2003, 57.

⁶³ *Ibidem*, 54-57.

⁶⁴ Cf. J.F. Haight, *op. cit.*, 57.

⁶⁵ *Ibidem*, 77.

⁶⁶ J.F. Haight, *op. cit.*, 80.

história salvífica em que Deus se manifesta como o Deus de Amor-todo-poderoso. Deus se nos dá a conhecer em um amor extravagante e infinito, amor superabundante que desconhece limites e fronteiras, um amor que é atuante, capaz de esbanjar-se até o fim.

Com este escopo tira-se uma consequência teológica, é a categoria de amor que a Revelação de Deus descortina e que permite ao homem adentrar com maior credibilidade na história reveladora da vida íntima de Deus. O amor revelado é o amor entenhado. Nesse sentido, é esse amor que é digno de fé e de credibilidade.

Conclusão

Diante de tudo o que foi dito até o exato momento, podemos considerar que a Revelação de Deus em seu mistério é trazida ao horizonte da linguagem. O homem acolhendo a manifestação de Deus em sua história está chamado a testemunhar com sua fé o que Deus tem revelado de si mesmo a ele. Nesse sentido se há limites na Revelação histórica de Deus, “estes tem que estar, por força, do lado do ser humano, que não capta ou capta tarde e mal”. Sabiamente assinala André Torres Queiruga que a noção determinante para se falar do mistério revelado increve-se na “evidência-convicção de que Deus, como puro amor sempre em ato, está desde sempre tratando de revelar-se ao ser humano na máxima medida possível⁶⁷ “Tal é a sacramentalidade de Sua Revelação.

Essa aferição permite que se pense em profundidade a questão da humanização de Deus, que se torna humanamente visível e compreensível, de tal forma que a sua comunicabilidade que traz ao horizonte da linguagem a máxima expressividade do seu amor.⁶⁸ Nesse sentido, poder-se-ia dizer que no acontecimento Jesus é a linguagem de Deus aos homens que se faz plausível. Jesus narra e revela o próprio mistério da intimidade com o Seu Pai. O homem não pode

⁶⁷ A.T. Queiruga, *Repensar la revelación. La revelación divina en la realización humana*, Trotta, Madrid, 2008, 504.

⁶⁸ Cf. E. Jünger, *Dieu mystère du monde. Fondement de la théologie du Crucifié dans le débat entre théisme et athéisme*, 122-123.

conhecer e pensar o mistério revelado, senão como narração histórica da ação de Deus. O Deus narrado é o Deus experimentado, o Deus conhecido por meio dos acontecimentos fundadores da nossa fé. É no horizonte da narrativa que Jesus apresenta-se em nossa história como o narrador por excelência, o intérprete do mistério absoluto do amor de Deus manifestado em nossas vidas.⁶⁹ Aloca-se aqui uma maior proposição: o caráter pedagógico de Deus desenha-se na inventiva dinâmica de seu amor que “em favor do homem se esconde no mundo e no texto”.⁷⁰

Bibliografia

- Alfonso Novo. *Jesuscristo, plenitud de la Revelación*, Desclée, Bilbao, 2003.
- Andrés Torres Queiruga. *A revelação de Deus na realização humana*, Paulus, São Paulo, 1995.
- Angel Cordovilla. *El ejercicio de la teologia*, Sigueme, Salamanca, 2007.
- Antoine Wenger, *Vatican II. Chronique de la troisième session*, Centurion, Paris, 1965.
- César Izquierdo Urbina. *Teología Fundamental*, Eunsa, Pamplona, 2002.
- Forte Bruno. *Á escuta do Outro. Filosofia e revelação*, Paulinas, São Paulo, 2003.
- Hans Waldenfels. *Manuel de théologie fondamentale*, Cerf, Paris, 2010.
- Henri de Lubac. *Révélation divine. Affrontements mystiques Athéisme et sens de l'homme*. Cerf, Paris, 2010.
- J. Audinet, H. Bouillard, L. Derousseaux. G. Geffré, I. de la Potterie, *Revelation de Dieu et langage des hommes*, Cerf, Paris, 1972.
- John F. Haugth. *Mistério e Promessa. Teologia da Revelação*, Paulus, São Paulo, 1998.
- Joseph Doré, *La grâce de croire I. La Révélation*, L'Atelier, Paris, 2003.
- Lucas F. Mateo-Seco. *Dios Uno y Trino*, Eunsa, Pamplona, 1998.
- Luis Alonso Schökel. *Comentarios a la constitución Dei Verbum sobre la divina revelación*, BAC, Madrid, 2012.

⁶⁹ Ibidem, 132.

⁷⁰ C. Thebald, *Le christianisme comme style. Une manière de faire de la théologie en post-modernité*, 546.

- P. Gilbert, F. Mieis, L. Rizzerio, A. Thomasset, *Bible et philosophie. Les lumières de la raison*, Lessius, Bruxelles, 2007.
- René Latourelle, *Come Dio si rivela AL mondo. Lettura commentata della Costituzione del Vaticano II sulla Parola di Dio*, Cittadella, Assisi, 2000.
- René Latourelle, Rino Fisichella, Salvador Piè-Ninot, *Diccionario de Teologia Fundamental*, San Pablo, Madrid, 1992.
- Salvador Piè-Ninot. *La teologia fundamental, Secretariado Trinitario*, Salamanca, 2006.
- Walter Kasper. *Le Dieu des chrétiens*, Cerf, Paris, 1985.